

Corporeidade e motricidade na escola: o jogo enquanto ferramenta de desenvolvimento da criança

George Almeida Limaⁱ 

Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Campos Sales, CE, Brasil

Maria Luciléia Gonçalves da Silvaⁱⁱ 

Universidade Regional do Cariri, Campos Sales, CE, Brasil

1

Resumo

O presente trabalho objetiva compreender a importância da corporeidade e da motricidade para a criança na educação básica e analisar os impactos do jogo e do movimento corporal para a formação integral da criança. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, onde foram analisadas obras de autores que tratam da temática em questão. Os resultados mostram que o jogo é uma ferramenta de desenvolvimento do aluno, onde através deste, ele desenvolve seu processo de criatividade e aprendizagem. Portanto, conclui-se que o corpo deve ser valorizado pela escola, pois é através dele que a criança se socializa, interage e se percebe no mundo, expressando sua subjetividade através da transformação da realidade.

Palavras-chave: Criança. Jogo. Corpo.

Corporeality and motricity at school: The game as a child development tool

Abstract

This work aims to understand the importance of corporeality and motricity for children in basic education and to analyze the impacts of play and body movement for the integral formation of children. The methodology used was the bibliographic review, which analyzed the works of authors dealing with the subject in question. The results show that the game is a student development tool, where through it, she develops her process of creativity and learning. Therefore, it is concluded that the body should be valued by the school, because it is through it that the child socializes, interacts and perceives itself in the world, expressing its subjectivity through the transformation of reality.

Keywords: Child. Game. Body.

1 Introdução

O primeiro contato social da criança fora do ambiente familiar é na escola, para Guedes (2021), ela não deve ser pautada apenas na qualidade de ensino, mas ser compreendida como um espaço comprometido com a cidadania, pois é nesse espaço que a criança inicia um processo mais amplo de desenvolvimento,

para isso, ela utiliza a corporeidade como um mecanismo de interação com o meio (LIMA; SILVA, 2021). Pode-se denominar como corporeidade o processo do corpo em movimento que busca a exploração do ambiente em que está inserido, em um tempo cultural e histórico, que está intrinsecamente ligado à própria existência do ser humano (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012).

Para Lima *et al.* (2020), o corpo expressa uma série de códigos e sentidos que devem ser compreendidos e interpretados pelo homem, num processo contínuo de interação social e expressão da subjetividade humana. E a ação do brincar, através do jogo, permite que a criança expresse esses códigos. Nóbrega (2005) enfatiza que:

A noção de corporeidade, abrangendo o corpo vivo e significativo, fundado na facticidade e na cultura, supera a dicotomia biológico-cultural e expressa à unidade do ser no mundo. É, pois, o conceito mais coerente para estruturar o conhecimento do corpo na educação física (NÓBREGA, 2005, p. 80).

Compreendendo a importância da utilização do corpo por parte da criança como um processo que implica na construção da sua subjetividade, faz-se necessário questionar: Qual a visão da escola sobre a corporeidade e a motricidade? Para Freire (2009), há um crescente aumento no número de escolas no Brasil, resultado da nova realidade social, onde as mães deixam seus lares e vão trabalhar. Desse modo, muitas vezes matriculam seus filhos pequenos nessas escolas. Sousa e Santos (2020) destacam que a escola, em muitos casos, é a única ferramenta educacional que alguns alunos têm.

Mesmo com o aumento do número de escolas e a intensificação da educação superior na formação de futuros profissionais, há uma perspectiva histórica de que a escola deve dar ênfase aos aspectos cognitivos das crianças, buscando deixá-las dóceis e disciplinadas. Dentro dessa perspectiva, o corpo é visto como algo sem importância. Esse conceito vem, muitas vezes, da visão equivocada sobre o corpo e o brincar na educação.

Ainda resta, em nosso país, a forte expectativa por parte dos pais de que seus filhos sejam alfabetizados na educação infantil. Mesmo com a diminuição da idade para ingresso no ensino fundamental, espera-se que crianças de 5 anos sejam capazes de ler e escrever. Há mesmo, e tenho que lamentar isso, a ideia de que as crianças sejam matriculadas na educação infantil com um rumo traçado na direção das provas de vestibulares para ingresso nas faculdades. A educação infantil não é para isso, mas sim para ensinar as crianças a bem mobilizar aquilo que, na espécie humana, é seu atributo decisivo: a imaginação (FREIRE, 2009, p. 16).

3

Para Merleau-Ponty (1992), a comunidade escolar deve ir além das dicotomias entre corpo e mente e compreender que é através da associação entre corpo e mente que a criança se relaciona socialmente, agindo de forma crítica e reflexiva em todas as circunstâncias de sua vida. “É ver o rumo do movimento, sempre na direção de buscar, no mundo, as partes que faltam ao homem para ser humano. Portanto, uma educação física humanista não pode viver sob qualquer miopia em relação ao gesto corporal” (FREIRE, 2009, p. 126).

O presente trabalho objetiva compreender a importância da corporeidade e da motricidade para a criança na educação básica e analisar os impactos do jogo e do movimento corporal para a formação integral da criança.

Este trabalho tem grande relevância para a reflexão do jogo, da corporeidade e da motricidade como mecanismos utilizados para o desenvolvimento dos alunos. “É tarefa da Educação Física, preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível” (BETTI; ZULIANE, 2002, p. 75). O trabalho evidencia a importância do jogo, da motricidade e da corporeidade para o desenvolvimento da criança na educação básica.

2 Metodologia

Para Ferrari (1974) o processo científico é uma característica da ciência, sendo utilizado para um entendimento maior dos procedimentos utilizados pelo pesquisador, onde as elucidações dos problemas encontrados darão subsídios para a compreensão ampla do que está em pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (2007),

a utilização de métodos científicos não é exclusividade da ciência, podendo ser utilizados para a resolução de problemas do cotidiano.

Esse estudo fundamenta-se como uma revisão bibliográfica, embasado no método comparativo, no qual se ocupa da elucidação dos fenômenos e permite avaliar o dado concreto, buscando constatar semelhanças e elucidar divergências, ocupando-se com a explicação de um fenômeno, deduzindo desse, “os elementos constantes, abstratos e gerais” (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 107). “Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo” (GIL, 2008, p. 16-17). O estudo baseia-se na compreensão de um fenômeno, observando aspectos descritivos, comparativos e interpretativos (YIN, 2005).

Foram realizadas leituras de diversos trabalhos que abordam a temática em questão, embasados na base de dados: SCIELO, PUBMED e LILACS, mediante utilização dos descritores: “Corporeidade e Escola”, “Motricidade e Escola”, “Corpo na Escola” e “Jogo e Criança”, além da utilização de livros de autores relevantes que tratam da temática em questão, como: Brasil (2017), Ehrenberg (2014), Nista-Piccolo e Moreira (2012), Vygotsky (1994), Freire (2010), (2009), (2008) e (2002).

Os critérios de inclusão para leitura dos resumos foram obras em português, que apresentassem uma abordagem que tratasse da valorização do corpo na educação infantil, tendo a criança como o centro do processo ensino-aprendizagem, e a escola como espaço de desenvolvimento do educando, adequando-se aos objetivos deste trabalho. Após a leitura dos trabalhos, foram critérios para exclusão: Indisponibilidade completa gratuita em meio eletrônico e trabalhos que não tratavam da corporeidade, motricidade e do jogo na escola.

3 Resultados e Discussões

Concepções sobre o corpo na escola

Na contemporaneidade, há uma padronização do corpo, um processo de criação de ideologias que fomentam certo tipo de corpo como bonito, criando

parâmetros que devem ser seguidos, o que dificulta a compreensão desse corpo em uma perspectiva cultural. Para Assmann (1994):

Não é verdade que, num sentido muito real, temos imensa dificuldade em ser nosso corpo, por que já nos inculcaram, de mil maneiras, que temos tal ou qual corpo? Ou seja, mais do que da sua verdade e real sustância, nossos corpos são corpos que nos disseram que temos, corpos inculcados e ensinados, feitos de linguagens, símbolos e imagens. As culturas, as ideologias, as organizações sempre inventam um corpo humano adequado e conforme (ASSMANN, 1994, p. 72).

5

Deste modo, a educação básica deve intervir sobre o corpo e o movimento humano, abrangendo dimensões como a da saúde, desenvolvimento da aptidão física voltada para a prática esportiva e do lazer (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012). Dentro desse aspecto, a escola, como uma ferramenta de emancipação e desenvolvimento integral do aluno deve propiciar reflexões acerca da beleza, da harmonia de movimentos corporais etc.

Para Nista-Piccolo e Moreira (2012), escola deve introduzir a arte de se movimentar, dando ao corpo um valor não apenas no sentido biológico ou de movimento mecânico dentro das práticas esportivas, mas uma compreensão cultural de corpo, entendendo que não existe movimento certo ou errado, eles são frutos das concepções culturais de cada aluno (DAÓLIO, 2004). Silva (2021) destaca que a escola não deve valorizar apenas a linguagem falada ou escrita, é necessário compreender o corpo como uma forma de linguagem. Dentro desse aspecto, “a corporeidade em movimento, propiciada na educação infantil por intermédio do jogo, traz prazer ao ato de conhecer, de conviver, de estar na presença dos outros. Isso pode ser um dos critérios para definir, inclusive a ação dos professores” (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012, p. 53).

O pleno reconhecimento da vida humana está conectado à realização corporal. Nesse sentido, o método mais adequado para cumprir essa efetivação é a prática lúdica. Por exemplo: Quando o professor cria uma situação-problema que envolve a cooperação, os alunos dialogam e buscam a solução para a problemática apresentada, desenvolvendo a consciência do cooperar, e o corpo, associado à

perspectiva cognitiva e afetiva, é utilizado como uma ferramenta de interação e comunicação (FREIRE, 2008).

É possível reconhecer a corporeidade como um mecanismo necessário para o desenvolvimento da criança, entendendo-a como “a expressão da minha existência no mundo, na cultura, na história e nada posso realizar ou conceber se não existir corporalmente” (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012, p. 53).

6

Para Nunes; Machado e Sousa (2021), se ao docente é atribuída à missão do ensinar, não é menor a relevância da escola para o desenvolvimento do aluno. A escola não deve mecanizar a criança, moldando-a de acordo com as perspectivas sociais, econômicas e políticas que estão presentes na própria escola, mas sim, deixar que as crianças sejam crianças, impedindo a rigidez na educação. Deve-se oportunizar ao aluno a fruição, a reflexão e a apropriação das práticas pedagógicas, impulsionando seu processo criativo e reflexivo (BRASIL, 2017). Destarte, “torna-se importante ressaltar que a escola é um espaço socialmente determinado para socializar o patrimônio cultural historicamente acumulado” (EHRENBERG, 2014, p. 186).

A escola deve ser um espaço de emancipação do aluno, um lugar em que ele pode expressar toda a sua subjetividade. “Quem fica confinado em salas apertadas, sentado e imóvel em carteiras, milhares de horas durante boa parte da vida, aprende a ficar sentado nas cadeiras, de onde talvez nunca mais venha a ser erguer” (FREIRE, 2010, p. 114).

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017, p. 37).

A criança deve ser proativa, “A criança real ri, corre, conversa, faz barulho, perturba, é bondosa e maldosa, é amorosa e perversa, enfim, é criança, e como tal exercita sua motricidade o tempo todo na descoberta do mundo. Esse é o protótipo de aluno na educação infantil” (NISTA-PICCOLLO; MOREIRA, 2012, p. 64). Deste

modo, compreende-se que a escola não deve negar a motricidade da criança, o que se deve fazer é compreender o corpo como um mecanismo de interação do sujeito com o mundo.

Viver é conviver, e na convivência não nos relacionamos apenas com a mesma faixa etária ou com os mesmos grupos sociais. Nosso dia a dia é permeado de relações múltiplas, de gênero, de grupo, de grupos de interesse, de localizações geográficas de moradia, de deslocamentos para o trabalho... Assim, a área de motricidade humana, em sua formação profissional, deve propiciar uma aprendizagem que leve em consideração essa diversidade (MOREIRA, 2008, p. 88).

A escola deve “organizar e planejar um ambiente flexível, com base nas experiências e vivências das crianças, devendo promover o bem-estar, a autonomia e a confiança, em que o aluno se sinta acolhido” (OLIVEIRA NETO, 2020, p. 6). Destarte, a escola deve compreender o ser humano em sua totalidade, valorizando os aspectos motores, afetivos, emocionais e sociais. Cabe ao professor, criar mecanismos para que o aluno possa explorar o mundo que o cerca de forma efetiva, criando um ambiente que desenvolva o bem-estar, e a confiança

As contribuições do jogo para a aprendizagem da criança

A criança, desde sua concepção, busca o prazer, e o jogo é uma ferramenta pelo qual a criança vivencia o prazer lúdico, por isso, a ludicidade deve estar presente na escola. O professor não se deve apenas deixar com que as crianças façam sua recreação, mas intervir nesse processo, criando um espaço que faça com que a criança desenvolva sua criatividade e reflita sobre as situações vivenciadas (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012).

Uma situação prazerosa vivenciada em sala de aula, pode se transformar em uma aprendizagem significativa, pois esse tipo de situação desperta a curiosidade e o interesse da criança, fazendo com que ela interaja de forma ativa. Cada vez que a criança lembrar um determinado conceito que foi trabalhado, sentirá a sensação de alegria, pois ela aprendeu através da ludicidade, desenvolvendo suas capacidades afetivas, emocionais e conceituais (TOLEDO; VELARDI; NISTA-PICCOLO, 2009).

Winnicott (1975) aponta, junto à Psicanálise, a concepção do brincar como algo inerente a própria existência humana, onde o lúdico é compreendido como um ato contínuo à vida humana. Huizinga (2010) define o ser humano como *Homo Ludens*, dotado da necessidade da vivência lúdica. “O impulso lúdico que está intrínseco no brincar garante que a capacidade de brincar se manifeste em toda a vida do ser humano” (VENÂNCIO; COSTA, 2005, p. 28).

8

Para Vygotsky (1994), é através do brincar que se aprende regras e constrói-se a subjetividade da criança, onde ela expressa seus sentimentos através do corpo, criando situações imaginárias, modificando a realidade. A criança aprende no brincar, pois é através dessa ação que ela explora o ambiente que está inserida e se socializa.

[...] Penso que o próprio processo de aprendizagem pode ser visto como uma grande brincadeira de esconde-esconde ou de caça ao tesouro: tanto uma criança pré-escolar brincando num tanque de areia quanto um cientista pesquisando no laboratório de uma universidade estão lidando com sua curiosidade, com o desejo da descoberta, com a superação do não saber, com a busca do novo, que sustentam a construção de novos saberes (EMERIQUE, 2004, p. 4).

Freire (2002) já destacava que a busca pelo jogo é tão necessária quanto nos alimentarmos, dessa forma, compreende-se o jogo como uma necessidade humana. Ao utilizar o jogo como uma ferramenta educativa, o professor oferece a criança, uma aprendizagem sem cansaço, pois ao instigar a curiosidade da criança, desperta um sentimento de busca e de interação. Quando elas estão em sala, estudando puramente a teoria, não veem a hora de sair, correr, brincar e jogar (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012).

Para Lima (2021) o jogo deve fazer parte do acervo de conteúdos da escola, não com uma perspectiva exclusiva de competição, mas sendo compreendido como uma atividade educativa com características humanas, pois quando a criança joga, ela precisa respeitar as regras e os espaços dos demais colegas, educando-nos para sermos mais humanos. Nista-Piccolo e Moreira (2012) enfatizam que o jogo deve ser um tematizador de aprendizagens, que seja uma ferramenta para o desenvolvimento da criatividade da criança.

É importante destacar que “a cada etapa do desenvolvimento, certos jogos existentes em nossa cultura são particularmente interessantes” (OLIVEIRA, 2010, p. 238). Ou seja, conforme a criança vai desenvolvendo suas capacidades cognitivas sociais e motoras aumenta-se a necessidade de se trabalhar diversos tipos de jogos, adequados ao processo de maturação em que a criança se encontra (OLIVEIRA, 2010).

Para Santos, Souza e Fontes (2020), o professor tem um papel preponderante nesse processo, pois como um mediador entre o conhecimento e o aluno, deve respeitar a cultura que o aluno já possui e ajudá-lo a explorar novas significações.

O professor precisa estar ciente do seu papel dentro do ambiente escolar, sempre disposto a adaptar o seu planejamento às condições dos seus alunos, buscando um aperfeiçoamento do seu trabalho e fazendo com que os educandos se tornem construtores do conhecimento junto com a sua mediação (BELO; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 4).

Kishimoto (2010) enfatiza que um dos motivos para a baixa qualidade da educação infantil está relacionada à oposição que os professores fazem ao jogo, dando muita ênfase a escrita ou a leitura, por exemplo. É preciso respeitar o universo da criança, considerando o jogo como uma ferramenta de interação social.

4 Considerações finais

É perceptível que a criança utiliza a corporeidade como uma ferramenta de socialização. É através dessa ação que ela explora o ambiente em que está inserida, construindo sua subjetividade. É na utilização do corpo que a criança se torna presente no mundo, e dentro desse processo, ela consegue moldar a sua personalidade. É por meio do jogo que o corpo entra em ação, o movimento está interligado a própria existência humana. Através do gesto corporal, a criança expressa seus sentimentos e concepções, e esses códigos expressados, devem ser compreendidos e valorizados.

A escola, entendida como uma instituição que fomenta o desenvolvimento do educando deve valorizar o aluno de maneira integral, isso inclui as ações

corporais, não apenas a fala ou a escrita. Embora muitas instituições escolares ainda estejam presas a esse velho paradigma de valorização exacerbada da fala e da escrita, a educação contemporânea permeia novas perspectivas, entendendo o aluno como um ser ativo no processo de ensino e aprendizagem, onde ele deve avaliar, opinar, refletir e questionar sobre todos os aspectos que o envolvem, utilizando o corpo como uma ferramenta de comunicação e inserção social. Para isso, o professor deve propiciar aos alunos um ambiente de reflexão, através da criação de situações-problema, fazendo com que o aluno encontre soluções para as demandas ofertadas.

Destarte, infere-se que a criança utiliza a corporeidade e o jogo como ferramentas de comunicação, de inserção social e da construção da sua subjetividade e a escola, como um mecanismo para o desenvolvimento do aluno, deve respeitar todas as suas percepções, evitando a criação de comportamentos estereotipados, dando liberdade aos alunos para que expressem suas concepções.

Referências

BELO, P. A. de P.; OLIVEIRA, R. M. de.; SILVA, R. C da. Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino. **Rev.Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, de 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3880>. Acesso em: 05 mar. 2021.

BETTI, M. ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

EMERIQUE, P. S. O lúdico e a escola In: SCHWARTZ, G. M. (Org.). **Dinâmica lúdica: novos olhares**. Barueri, SP: Manole, 2004.

EHRENBERG, M. C. A linguagem da cultural corporal sob o olhar de professores da educação infantil. **Pro-Posições**. v. 25, n. 1 (73), p. 181-198. Jan/Abr, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v25n1/v25n1a10.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

FREIRE, J. B. Métodos de confinamento e engorda: como fazer render mais porcos, galinhas, crianças... In: MOREIRA, WAGNER WEY. (Org.). **Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 2010.

11

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, J. B. Um mundo melhor: uma outra educação física. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, N. C. A importância do projeto político pedagógico no processo de democratização da escola. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v.2, n.2, 2021.

Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4815>. Acesso em: 05 fev. 2021.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. 2010. (Documento de consulta pública). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 out. 2020.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. Ed. 5. Reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, G. A.; PREIRA, A. H. M.; SILVA, M. L. G DA; SILVA, C. R. F da; NEVES, A. J. R. **Interfaces da linguagem: Escola e cultura**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n.12, p.102016-102024, dez. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22142/17688>. Acesso em: 24 dez. 2020.

LIMA, G. A.; SILVA, M. L. G da. Linguagem corporal e comunicação: a criança e o brincar. **Revista interfaces: Saúde, humanas e tecnologia**. Juazeiro do Norte-CE, v. 9, n. 1, p. 969-974, jan. 2021. Disponível em: <https://interfaces.leaosampaio.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/884>. Acesso em: 05 mar. 2021.

LIMA, George Almeida. Aspectos Didático-Pedagógicos do basquetebol na escola. **Rev.Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, e324608, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.4608>. Acesso em: 05 mar. 2021.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MOREIRA, W. W. Corporeidade e formação profissional: a importância da teoria da motricidade humana para a Educação Física. In: GOLIN, C. H. *et al.* (Org.). **Educação Física e motricidade**: discutindo saberes e intervenções. Dourados: Seriema, 2008.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W.W. **Corpo em movimento na educação infantil**. São Paulo: Telos, 2012.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e educação física**: do corpo-objeto ao corpo-sujeito. 2. Ed. Natal: Editora da UFRN, 2005.

NUNES, M. L. da S.; MACHADO, Charliton José dos Santos; SOUSA, Débia Suênia da Silva. Ensinar as crianças é o sacerdócio que conduz ao bem: educação, docência e escola no jornal O Educador (1921-1922). **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 6, n. 1, e1485, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1485>. Acesso em: 25 fev.2021.

OLIVEIRA, Z. M. R. (Org.). **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 6. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

OLIVEIRA NETO, B. M. de. Gestão pública da educação infantil: o trabalho coletivo em benefício de um ensino significativo. **Ensino em perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4525>. acesso em: 21 fev. 2021.

SANTOS, S. C. M dos.; SOUSA, J. R de.; FONTES, A. L. de L. Protagonismo estudantil em feiras de ciências. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 5, n. 3, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2151>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SILVA, M. L. G. da. O papel da escola como instrumento de combate ao preconceito linguístico. **Rev.Pemo**, fortaleza, v. 3, n. 2, e324614, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.4614>. Acesso em 05 de mar. 2021.

SOUSA, F. G. A. de.; SANTOS, J. M. C. T. A interdisciplinaridade e a formação cidadã em uma escola pública de Fortaleza-CE. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v.1, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4574>. Acesso em: 10 fev. 2021.

TOLEDO, E., VELARDI, M., NISTA-PICCOLO, V. L. Os desafios da Educação Física escolar: seus conteúdos e métodos. In: MOREIRA, E. C.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Orgs.). **O quê e como ensinar Educação Física na escola**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2009.

VANÂNCIO, S.; COSTA, E. M. B. O movimento humano e o brincar: In: VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B. (Orgs.). **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores Associados, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Tradução de José Octávio Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ⁱ **George Almeida Lima**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0899-0427>

Secretaria de Educação do Estado do Ceará

Licenciado e Bacharel em Educação Física, Especialista em Metodologia do Ensino de Educação Física e Especialista em Docência do Ensino Superior. Professor de Educação Física da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Contribuição de autoria: O autor idealizou o projeto e desenvolveu o estudo e a escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1176000931229395>

E-mail: george_almeida.lima@hotmail.com

ⁱⁱ **Maria Luciléia Gonçalves da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6085-4559>

Universidade Regional do Cariri

Graduanda em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA/CE. Realiza pesquisas nas áreas da sociolinguística, Escola e comunicação, aspectos socioculturais da educação e avaliação escolar.

Contribuição de autoria: A autora idealizou o projeto e desenvolveu o estudo e a escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1732097294103561>

E-mail: leynhasilva_20@outlook.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

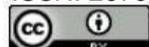
Como citar este artigo (ABNT):

LIMA, George Almeida; SILVA, Maria Luciléia Gonçalves da; Corporeidade e motricidade na escola: o jogo enquanto ferramenta de desenvolvimento da criança, **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2021.

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2021

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.